

A Inteligencia em face do Oiro

I

Os jornais pretendem crear a Opinião Publica. Mas quem faz os jornais? quem os escreve? As forças ocultas que determinam as varias attitudes dos grandes órgãos jornalisticos sabem bem canalisar *pro domo sua* a publicidade de que dispõem. O publico, formulando pela da imprensa a sua opinião sobre os varios assuntos de interesse nacional, longe de pugnar pelos seus interesses proprios (que são, em ultima analyse, os interesses da Nação) arrisca-se a pugnar pelos interesses dos varios grupos de politicos e de financeiros de quem os jornais são pertença. Esses interesses, pleonasmo é affirmal-o, são, por via de regra, antagonicos dos interesses da Nação, que são tambem os interesses do publico.

Antigamente, os jornais limitavam-se á publicidade dos *faits-divers* da capital ou da terra da provincia onde se publicavam e ás indicações uteis, tinham intuitos divulgadores e, sobretudo, encarregavam-se de espalhar a parte official. Eram uteis ou inofensivos. Depois, com o Romantismo, as ideias politicas começaram a divulgar-se por intermedio dos periodicos. A imprensa começou a ser tribuna: as más ideias eutraram a espalhar-se e as suas consequencias a fazer-se sentir. As tribunas que serviam o apostolado democratico serviam por ele a ruina do país. O idealismo romantico, trazendo-nos a Republica, trouxe-nos ao mesmo tempo a miseria e a anarquia: tão certo é que as ideologias dos homens, nascidas de consecutivas falseações das realidades sociais, duma obliteração do realismo politico por via de consecutivos desregramentos da sensibilidade, — só podem conduzir a uma larga anarquia moral e intelectual, prologo necessario da anarquia no governo da coisa publica—*res publica*, como diziam os antigos. Veio a seguir a transformação profunda trazida

às coisas sociais pela balburdia e pela desorganização da guerra. Os valores morais e materiais foram alterados: inverteram-se os que não se perverteram. A multiplicação dos valores monetarios (signais de riquezas que diminuíam na razão directa do acrescimo desses signais) pela multiplicação dos encargos dos governos, conduzindo a uma grande alteração no sistema financeiro e a uma revolução economica, entregou nas mãos dos plutocratas todos os poderes que antigamente só a Autoridade legitima possuia sobre a sociedade. Simplesmente, os poderes da Autoridade legitima exerciam-se todos no sentido do bem social; enquanto que os poderes da Plutocracia contemporanea, dos financeiros e dos grandes industriais vão afectar directamente os interesses mais sagrados da Riqueza Publica, e por isso são contrarios ao bem social. Concretizando: os jornais foram, primeiro, órgãos desinteressados que serviam a curiosidade do publico; depois, pregoeiros e tribunas dos varios idealismos romanticos; e por ultimo, os que não são alimentados pelo desinteresse monetario duma ou mais pessoas devotadas a qualquer ideia politica, transformaram-se em órgãos de varios grupos de financeiros e de plutocratas, embora revestindo sempre o aspecto duma sociedade anonima creada para a exploração industrial do anuncio.

II

A Plutocracia é, por definição, internacional. A sua Patria é em qualquer canto do mundo onde o Ouro possa caber; e foi da mercantilização da sagrada ideia da Patria — Patria, terra dos nossos mortos, patrimonio moral e territorial a defender e a engrandecer — que se gerou na intelligencia e na sensibilidade dos trabalhadores do seculo passado a falsa ideia e o falso sentimento de que a Patria tambem residia para eles em qualquer parte do mundo onde podessem ganhar o pão de cada dia. Por todo o arruinado mundo europeu contemporaneo é a Plutocracia quem domina os Estados.

A propria America do Norte, onde os cegos da intelligencia pretendem ver o prototypo da moderna Demo-

cracia, não é mais do que um feudo do Dinheiro, e os seus politicos, como o seu Estado, são apenas serventuarios dos designios e interesses dos varios grupos financeiros. A Inglaterra colocou-se ao lado da França, em face dos alemães, para não perder o predomínio dos mares e assim o seu mercantilismo endemico poder garantir-se contra a concorrência dos povos rivais. A America entrou na guerra para que os interesses dos seus financeiros se estabelecessem na Europa e o seu auxilio lhe desse jús a uma intervenção nos negocios da reconstituição da terra europeia devastada. Concluida a guerra, o isolamento da America não implica desinteresse pelos negocios da Europa: hoje ainda, como nos primeiros dias da guerra çou, os *brasseurs d'affairs* do novo mundo, ligados aos *brasseurs d'affairs* do mundo antigo, só têm como objectivo subordinar ás forças do Capital todas as manifestações da vitalidade europeia; hoje, tudo no mundo se resume facilmente, para os plutocratas internacionais, a simples materia negociavel, mais ou menos cara, mas negociavel. Ha pouco ainda, em França, se falava na constituição dum *trust* de financeiros internacionais que tomaria á sua conta a produção de papel e assim conseguiria subordinar aos seus desejos anti-nacionais o mundo do pensamento francês; e quem politicamente tratava de conseguir tal *desideratum* era simplesmente o politico-industrial Loucheur, por varias vezes indigitado já para suceder a Poincaré na chefia do governo. O laço que prende os politicos democratas aos financeiros sem Patria, é claro. E os grandes cancros plutocraticos que actualmente minam a Europa são, sem duvida, o inglês e o americano. O Capitalismo alemão, o commercio alemão, a industria alemã, se querem avassalar o mundo, é em obediencia ao seu pan-germanismo, a um alto ideal de dilatação da raça e de germanisação do mundo. O Capitalismo inglês e o Capitalismo americano, com o seu commercio e a sua industria correspondentes, determinam-se por objectivos mesquinhos: pretendem apenas ganhar dinheiro sem quaisquer preocupações de raça ou de civilisação.

III

Senhor quasi dos destinos do mundo, dominador de

quasi todos os Estados europeus, não admira que o Dinheiro procure dominar também a Inteligencia, para que ela seja ainda um instrumento do seu dominio na ordem intelectual e espiritual. Quer os Barbaros queiram, quer não, a Inteligencia é a grande força propulsora de todos os progressos que o homem pode realizar, tanto no campo material, como no campo espiritual, — se é que o homem pode ir alem, em Moral, da moral que ha dois mil anos a Igreja instituiu, em Arte, alem da Beleza classica herdada de Athenas e de Roma, e em Politica, alem da politica tradicional das idades d'ouro da humanidade antiga. Os homens do Dinheiro e do Comercio, herdeiros duma tradição mercantil e materialista, costumam relegar o Pensamento para um plano secundario. Acontece, porem, que entre os proprios Barbaros os direitos da Inteligencia se fazem ouvir: quando a pretendem dominar, embora no sentido do mal, não fazem mais do que reconhecer o seu valor intrinseco e a sua força creadora e conductora no mundo dos factos. Mas a Inteligencia, amoral por natureza, pode, pela voz dos homens que a representam, recusar-se a trabalhar num sentido imoral e antinacional. *Force aveugle et flottante, pouvoir indifférent, également capable de détruire l'État et de le servir, vers le milieu du siècle, l'Intelligence nationale pouvait être tournée contre l'intérêt nationale, quand l'or étranger le voulait.* Maurras o constata a pags. 81 de *l'Avenir de l'Intelligence*. Maurras nos dá o conselho salutar a pags. 14 do prefacio do mesmo livro: *Ah! que l'Intelligence use vite de ce qui lui reste de forces! Qu'elle prenne parti! Qu'elle decide, qu'elle tranche entre l'Usurier et le Prince, entre la Finance et l'Épée!*

A Democracia, desorganizando a sociedade, pulverizando-a em individuos, creou o reinado do individualismo e realizou automaticamente o que Taine apelidava de «insolidarismo social». Até então, os homens viviam nas suas celulas sociaes e dentro delas orbitavam a sua actividade e desempenhavam organicamente a missão que no mundo lhes competia desempenhar. Depois do advento da Democracia, os mesmos homens começaram a viver como simples atomos, desamparados de qualquer força orga-

nica, entregues apenas às suas forças próprias. E assim principiou a luta dos indivíduos entre si, depois transformada pelas teorias de Marx em luta de classes. Na luta dos indivíduos, os trabalhadores intelectuais estavam nas mesmas condições de fraqueza perante as forças opostas do que os trabalhadores manuais. Na luta de classes os trabalhadores manuais modificaram a sua situação: agruparam-se em associações e sindicatos para resistir às associações e sindicatos patronais; só os trabalhadores intelectuais ficaram numa situação de inferioridade, porque não puderam agrupar-se para a defesa dos seus interesses comuns e para a resistência às novas condições de adversidade que a sociedade moderna lhes creava.

O Pensamento encontra-se, pois, subordinado ao Oiro. A independência jornalística é, duma maneira geral, uma ficção. No livro, é certo, ainda em Portugal pode haver independência. Mas quem são os nossos editores? Empresas editoras de grande movimento e grande capital, não existem; quanto às pequenas, escusado será dizer que só editam autores de nome já feito e de larga aceitação no mercado, embora de méritos menos que relativos. É ainda a preocupação mercantil a preponderar, ajudada poderosamente pelos fracos recursos de que as empresas dispõem. Na imprensa, porém, o caso é já outro: os grandes órgãos são propriedade de grandes empresas comerciais que, certamente, não acarretariam com os prejuízos que um tal negócio neste momento traz consigo, se não tivessem ao seu dispor, em troca de tais sacrifícios, uma larga publicidade para a defesa doutros negócios de maior vulto. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Assim são, na realidade, feitas as coisas. A capacidade de penetração dum grande jornal noticioso é enorme, e dela se serve a Plutocracia para criar no público ambiente favorável a todas as suas pretensões. Para o bem ou para o mal, uma ideia lançada e propagada com constância por um grande jornal acaba sempre, mais cedo ou mais tarde, por produzir os efeitos desejados por quem tem interesse na sua divulgação.

A Democracia criou a irresponsabilidade total. Como governo de todos por todos, traduzido praticamente por

governo das oligarquias politicas em beneficio das oligarquias financeiras, como governo amorfo e impessoal, não podia deixar de produzir uma completa irresponsabilidade em todos os dominios, desde o politico até ao moral, de tal arte que chegou a obliterar a noção classica do caracter e da honradez, e até os proprios vocabulos variaram completamente de significação e de sentido... O Oiro partilha largamente dessa irresponsabilidade, com ela acobertando a sua força. *Cet Or*, diz Maurras na obra atraz citada, *est sans doute une representation de la Force, mais dépourvue de la signature du fort. On peut assassiner le puissant qui abuse: l'Or échappe à la désignation et à la vengeance.* A sociedade moderna está eivada de forças ocultas. Os poderes politicos, como os poderes financeiros que os governam e impulsionam, são todos de natureza secreta: sabe-se que a Maçonaria é quem manda na nossa politica interna e externa; os financeiros que mantêm a republica, para por ela melhor explorarem a Nação, também agem a coberto de terceiras pessoas, que constituem elemento de ligação entre a Finança e os Partidos. Por este pendor, *la Presse est devenue une dépendance de la finance. Un révolutionnaire, M. Paul Brulat, a parlé récemment de sauver l'«indépendance de la Pensée humaine». Il le voyait donc en danger. «La combinaison financière a tué l'idée, la réclame a tué la critique. Le rédacteur devient un «salarié». «Son rôle est de divertir le lecteur pour l'amener jusqu'aux annonces de la quatrième page.» «On n'a que faire de ses convictions. Qu'il se soumette ou se démette. La plupart, dont la plume est l'unique gagne-pain, se résignent, deviennent des valets.» Aussi, partout «le chantage sous toutes ses formes, les eloges vendus, le silence acheté... Les éditeurs traitent, les théâtres feront bientôt de même. La critique dramatique tombera comme la critique littéraire».* Não será o mesmo em Portugal? Não será o mesmo em toda a parte onde a Plutocracia manda?

IV

Estas reflexões não trazem consigo a preocupação do

resolver o problema. Servem apenas para frizar a dificuldade que existe em Portugal de libertar o Pensamento das garras da Finança. Nos regimens democraticos, porém, essa libertação jámais poderá conseguir-se. Ao governo *legal* da Nação, substituiu-se o governo *ilegal* dos Politicos. Os Politicos são governados pelos financeiros. Não ha, nem pode haver, abolida como foi a Autoridade do Sangue, fiscalização alguma capaz de pairar acima e liberta do condominio do Oiro, de forma a não permitir que ele lance mão de todos os processos de propaganda capazes de fazerem reverter a seu fãvor a opinião geral do país, preparando o publico, por via dos jornais, sobretudo, para a aceitação de todos os seus planos e projectos anti-nacionais.

Duma maneira geral, portanto, a libertação da 'nteligencia implica a libertação do Estado das mãos das oligarquias politico-financeiras, quer dizer, o aniquilamento da Democracia.

Augusto da Costa,

A entrevista da semana

O que diz o dr. Fernandes Lopes, filosofo e professor

Fernandes Lopes começa por achar muito interessante a idea das entrevistas, pois ela permite que um homem seja célebre sem escrever, sem pintar nem esculpir...

Da Antiguidade já nos veem dois prodigiosos exemplos: Pyrrho e Sócrates...

Não se considera homem célebre, todavia está á disposição do jornalista...

Fernandes Lopes é falador como todo o bom algarvio, tem um olhar vivo e indagador, e se nos fixarmos no